



Terra de negócios, terra de trabalho: a produção de flores em Holambra/SP

Land of business, land of work: flower's production in Holambra/SP

Juliana Dourado Bueno - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR, São Paulo. Mestre em Sociologia, pela UFSCAR. Email: julidourado@uol.com.br

Resumo

Lançando mão do contexto de produção de flores na região de Holambra/SP, este texto apresenta as experiências que são invisibilizadas quando essa produção é apresentada como uma atividade “delicada” e relacionada somente à cultura holandesa no Brasil. Serão apresentados os principais sujeitos desse processo: homens e mulheres que trabalham em estufas de flores para que a produção seja intensificada. Há um entendimento de que as expectativas de gênero reforçam a desigualdade na atribuição das atividades, na medida em que às mulheres são destinadas as tarefas de plantio, corte, classificação e embalagem das plantas, enquanto os homens são direcionados às atividades de coordenação da equipe, aplicação de venenos e transporte das plantas. Essas diferenças implicam em uma hierarquia salarial, com valores mais altos para os homens. A metodologia empregada foi a história oral e a observação empírica em campo, nos municípios paulistas de Artur Nogueira, Holambra e Santo Antônio de Posse.

Palavras-chave

Trabalho feminino. Agronegócio das flores. Estufas. Trabalho rural.

Abstract

Focusing on the flower's production in the region of Holambra – São Paulo's State, this article presents experiences that are not showed when this production is presented as an activity “delicate” and related only to the culture of netherlanders in Brasil. In this process the main social agents are: men and women who work in greenhouses of flowers to intensify the production. There is an understanding that the role of gender make strong the inequality in assigning tasks: women are in charge of planting, cutting, grading and packing flowers. Men have the responsibility for the leadership of work team, agrochemicals spraying and transport of plants. These different activities imply on a wage hierarchy with higher values for men. Oral History and observation in field are the methodology used. Three cities were visited for the research: Artur Nogueira, Holambra and Santo Antônio de Posse – all of them located at São Paulo's State.

Keywords

Women's work. Flowers agribusiness. Greenhouses. Rural workforce.

INTRODUÇÃO

“Já estamos atravessando a Cintura Agrícola, ou Verde, como lhe continuam a chamar as pessoas que adoram disfarçar com palavras a áspera realidade, esta cor de gelo sujo que cobre o chão, este interminável mar de plástico onde as estufas, talhadas pela mesma medida, se assemelham a icebergues petrificados, a gigantescas pedras de dominó sem pintas. Lá dentro não há frio, pelo contrário, os homens que ali trabalham asfixiam-se no calor, cozem-se no seu próprio suor, desfalecem, são como trapos encharcados e torcidos por mãos violentas” (José Saramago, *A Caverna*, p. 89, 2010).

As metáforas do “mar de plástico” e do “dominó sem pintas”, empregadas no romance de Saramago com a finalidade de descrever o espanto causado pela enorme quantidade de estufas se aproximam da paisagem rural na região de Holambra/SP, na medida em que este cenário é marcado pela presença de estufas para a produção de flores. Lá e cá, as estufas simbolizam transformações, com significados para além da implantação de novas técnicas agrícolas. A terra que até então era um “espaço de vida”, com sociabilidades e relações sociais peculiares, transforma-se em “terra de negócio”, por meio da mercantilização da natureza que há pouco era elemento constituinte da convivência entre grupos humanos. Se por um lado a terra perde o seu protagonismo enquanto componente material de produção do rural, a emergência das estufas revela uma complexidade de situações que passam a compor o ambiente rural.

Nota-se, então, que o processo de produção de flores em Holambra¹ pode ser tomado como um contexto privilegiado de reflexão sobre a diversidade de relações sociais que envolvem a terra. A análise aqui proposta será dividida em duas partes, com o intuito de evidenciar as contradições e complexidades do rural. A região de Holambra será apreciada aqui como *terra de negócios* e como *terra de trabalho*. No primeiro momento, a discussão recairá sobre a expansão do capitalismo no campo e a inserção do mercado de flores nas transformações geradas pela Revolução Verde e pela agricultura intensiva do capitalismo globalizado. O segundo tópico traz uma discussão voltada para as relações de trabalho assalariado encontradas nas estufas de produção de flores e o contexto da produção de plantas por uma associação de agricultores familiares.

¹ Neste texto, a discussão sobre a produção de flores na região de Holambra está ancorada em pesquisa realizada para a elaboração da minha tese de Doutorado (em andamento), intitulada “Sobre rosas e espinhos: contradições no processo de produção de flores na região de Holambra/SP”, sob a orientação da Profª. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, com financiamento do CNPq.

A divisão do texto fornece pistas para a reflexão sobre o rural como formas distintas de acesso à terra. É preciso ressaltar que não se trata aqui de congelar ou fragmentar a realidade social. A “terra de negócios” só se configura para alguns, na medida em que se apresenta como “terra de trabalho” para outros. Portanto, é preciso ressaltar que as divisões do texto foram traçadas com finalidade argumentativa e de explanação.

A elaboração argumentativa do texto está pautada no uso de referencial teórico sobre os seguintes temas: terra como meio de trabalho e mercadoria; agricultura e capitalismo; e a complexidade de relações no espaço rural. Foram realizadas a pesquisa empírica em propriedades produtoras de flores e plantas ornamentais (pequenas, médias e grandes) localizadas nos municípios paulistas de Artur Nogueira, Holambra e Santo Antônio de Posse; e entrevistas² com trabalhadoras das estufas e com moradores que vivem em uma Associação de Agricultores Familiares.

1 TERRA DE NEGÓCIOS

Localizado na Região Metropolitana de Campinas (RMC), o município de Holambra é o maior produtor de flores do Brasil. O destaque nacional está também no fato de Holambra abrigar, em território latino-americano, a maior cooperativa de comercialização de flores – o Veiling; e a maior festa de celebração das flores e cultura holandesa – a Expoflora. Configura-se, então, um cenário propício para que a terra seja vista como um importante campo de investimento. Neste caso, entretanto, a fertilidade do solo acaba tendo uma relevância secundária no processo de formação da renda do setor, isso porque a maioria das flores produzidas em Holambra cresce em ambientes protegidos – estufas.

Semelhante a outras culturas que passaram pelo processo de Revolução Verde³, e que estão inseridas no contexto da agricultura intensiva globalizada (OLAIZOLA, 2009), a cultura de flores e plantas ornamentais é desenvolvida a partir da aplicação de alta tecnologia na produção de sementes. Na região de Holambra estão localizadas empresas que comercializam ao produtor material de propagação oriundo de sementes importadas de laboratórios de Chicago/Estados Unidos. Parte da maquinaria e muitas variedades de mudas também

² A pesquisa de campo e as entrevistas foram realizadas durante o ano de 2013 e início de 2014.

³ Com o objetivo de remover os limites que a natureza impõe ao crescimento e acumulação de capital na agricultura, a Revolução Verde é entendida como a substituição dos cultivos tradicionais próprios da agricultura extensiva pelos chamados cultivos industriais, utilizando novas técnicas de cultivo que aumentam a rentabilidade da terra. Inclui também o desenvolvimento de pesquisa (genética, biologia molecular, química) para a melhoria das inovações tecnológicas (OLAIZOLA, 2009).

são importadas – algumas são trazidas da Holanda. Este país é visto pelos empresários das flores como modelo de agricultura de alta tecnologia em condições desfavoráveis (o país possui poucas áreas agricultáveis). Os centros de pesquisa holandeses possuem parcerias com universidades⁴ para desenvolver melhorias na área do genoma e biotecnologia, buscando reduzir impactos ambientais, desenvolver sistemas de armazenamento dos produtos e controle do clima.

Na busca pela chamada “tecnologia verde e limpa”, as empresas que trabalham com tecnologia e inovação de sementes propõem um aumento na produtividade por meio da racionalização de recursos (terra, água, mão de obra, fertilizantes e agroquímicos). Tal racionalidade é uma forma de eliminar aqueles fatores que seriam os limites do desenvolvimento do capitalismo na agricultura: a natureza orgânica, a terra e o espaço (GOODMAN; SORJ; WILKINSON, 1990). As estufas resultam do desenvolvimento de técnicas que buscam a diminuição do tempo de dependência dos ciclos naturais, sendo possível controlar, em seu interior, a temperatura e a intensidade de luz ideais para o crescimento das plantas.

No caso das flores, em razão de os produtos serem altamente perecíveis, existe uma preocupação em eliminar o tempo de deslocamento das plantas entre os canteiros e também dos campos e estufas para os caminhões de transporte. Para isso, em muitas variedades, as plantas já saem embaladas de dentro das estufas – algumas são destinadas para as câmaras frias e outras são transportadas diretamente para os galpões de comercialização. Em algumas estufas é possível encontrar esteiras para o transporte de vasos entre os canteiros. Estas também são usadas no interior dos barracões de embalagem para a classificação das hastes de rosas⁵.

Nesse contexto da “terra de negócios” é preciso considerar também a apropriação das subjetividades pelo capital, principalmente porque no caso do comércio em massa de flores, além da mercantilização da natureza, os afetos⁶ também se transformam em mercadoria. “Não é somente o objeto de consumo que é produzido pela produção, mas também o modo de consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores” (MARX, 2011, p. 47). Neste sentido, compreendemos que a realização da Expoflora em Holambra pode ser interpretada não só como

⁴ Existem, inclusive, parcerias e convênios entre universidades holandesas e a ESALQ-USP.

⁵ No processo de embalagem das rosas, as plantas são classificadas de acordo com o tamanho das hastes. O valor da venda da rosa é diretamente proporcional ao tamanho de sua haste.

⁶ O Dia das Mães e o Dia dos Namorados são as datas comemorativas com maior número de flores vendidas. Nessas datas, as flores são comercializadas com apelos de sentimentos como amor, paixão e gratidão.

uma feira de exposição e comércio de plantas e flores, mas também como um processo de reprodução do capital ancorado na subjetividade dos consumidores. Nessa festa existem mostras de paisagismo e exposição de flores, que ressaltam sentimentos de romantismo, tranquilidade e a paz que as plantas podem proporcionar. Além disso, há um destaque acentuado para a cultura e tradição holandesas, associadas à produção de flores.

Não só o recinto de exposições da Expoflora, como alguns monumentos da cidade de Holambra recebem elementos decorativos relacionados às flores e à cultura holandesa, fazendo com que o município receba o título de “Estância Turística de Holambra”. Além dos tradicionais passeios para conhecer os resquícios da cultura holandesa (como a arquitetura, gastronomia), os visitantes também são atraídos pela visita às propriedades produtoras de flores e pela culinária considerada “tipicamente caipira”, do interior paulista.

No que diz respeito à Expoflora, é possível dizer que a festa, em toda sua composição (comidas, sobremesas, danças com trajes considerados “tipicamente holandeses”), contribui para legitimar a imagem das flores e da cidade de Holambra como algo ligado somente à cultura holandesa. Nesse cenário, a colheita de flores é apresentada como algo doce e poético. Introduzimos, então, o próximo tópico, para mostrar a terra de trabalho, no intuito de apresentar elementos que contribuam para a formação de outras imagens, por meio de vivências, faces e dizeres que até o momento encontram-se apagados diante do colorido das flores.

2 TERRA DE TRABALHO

Visualizar o rural de Holambra como “terra de trabalho” é também contemplá-lo em sua inserção na chamada agricultura intensiva, em um contexto de capitalismo globalizado. Como outras culturas produzidas em grande escala, a produção de flores é marcada pelo paradoxo da coexistência de uma agricultura sofisticada do século XXI com relações de trabalho do século XIX (CÁNOVAS, 2012). Nesse cenário estão presentes certas hierarquias: o assalariamento com remuneração razoável, condição desfrutada pelos trabalhadores locais, em sua maioria homens brancos. Por outro lado, o trabalho eventual dos picos das colheitas agrícolas é realizado por migrantes, em sua maioria mulheres. Diante disso, é possível perceber que os mercados laborais são cada vez mais racializados e estruturados por gênero (HERRERA, 2012).

Por um lado, novas categorias de trabalhadores com qualificações elevadas são requeridas para entrar em contato direto com as novas tecnologias⁷.

⁷ Muitas estufas são controladas por meio de comandos informatizados.

Ao mesmo tempo, a precariedade e eventualidade de certas atividades se aprofundam, como forma de baratear os custos de produção. Cria-se, então, uma dualidade nas qualificações de trabalho: incremento das qualificações no topo da hierarquia (gerentes, engenheiros) e ampliação do processo de desvalorização e desqualificação do trabalho manual (CÁNOVAS, 2012).

A fragmentação do processo de trabalho também se dá a partir de critérios sexistas. As mulheres são empregadas na agricultura com o uso de ferramentas e máquinas somente nas atividades cujo ritmo é imposto pela tecnologia, no qual o trabalho humano é apenas um apêndice da máquina. Nesses casos a tarefa é intensiva e repetitiva. Por sua vez, as tarefas controladas exclusivamente por homens são aquelas com maior reconhecimento profissional e remuneração mais elevada. As trabalhadoras ficam praticamente ausentes das esferas de controle e concepção (CÁNOVAS, 2012, p. 18).

Nas estufas e campos de flores da região de Holambra existe uma divisão de trabalho entre homens e mulheres. Os homens se encarregam das atividades de transporte de carrinhos com flores, preparam a terra com o trator, irrigam, aplicam veneno e são empregados em cargos de liderança. As mulheres fazem a seleção das plantas, picotam as mudas, fazem o “espaçamento das plantas”⁸, podam as folhas, classificam as plantas de acordo com o tamanho, fazem o enxerto no matrizeiro⁹, colhem as flores e trabalham no setor de embalagens. Os motivos apresentados por homens e mulheres para que exista essa divisão de tarefas raramente são contestados pelos trabalhadores e trabalhadoras. As justificativas estão assentadas na atribuição de características como “força” e “coragem” aos homens, enquanto as mulheres são classificadas como “sensíveis”, “jeitosas” e “caprichosas”. Nos seguintes excertos é possível visualizar tais referências:

Juliana – Você acha que tem algum motivo que faz com que tenha mais mulher nessa parte da colheita?

Roberto¹⁰ – É porque as mulheres trabalham mais, já são mais sensíveis, têm mais jeito para trabalhar. Elas são mais calmas que os homens, por isso que tem mais mulher que trabalha. E elas têm uma atenção especial de lidar mais com a flor (Artur Nogueira, abril de 2013)

[...]

O processo de colheita, principalmente nessas bancadas, quando você fizer a retirada dos vasos, é como se você tivesse acariciando um bebê – porque

⁸ No caso de flores que são plantadas em vasos, existe uma etapa do desenvolvimento das plantas na qual os vasos devem ser afastados uns dos outros. Essas tarefas são realizadas em posição “agachada”.

⁹ O matrizeiro, em algumas variedades, é conhecido como berçário, onde as “plantas-mãe” darão origem a outras plantas.

¹⁰ Os nomes das pessoas entrevistadas apresentadas neste texto são fictícios.

a delicadeza e a sutileza que têm que tocar no produto é como se fosse uma coisa equivalente. Então a gente precisa acomodar bem as hastes e continuar o processo de colheita. E nesse caso específico as mulheres levam vantagem dos homens (Agenor, pequeno empresário produtor de flores em Holambra¹¹)

Quando observamos os atributos designados às mulheres nos excertos das narrativas, é possível compreender que as trabalhadoras têm algumas características essencializadas. Entretanto, é preciso lançar um olhar crítico sobre essas considerações acerca das características que seriam inerentes às mulheres. As pesquisas desenvolvidas por Olaizola (2009; 2012) reforçam essa postura crítica. A autora mostra a necessidade de “compreender dialeticamente como as ideologias sexuais vão se materializando nos processos de trabalho e como as condições materiais de existência formatam e condicionam essas ideologias, as quais não são estáticas e sim cambiantes” (OLAIZOLA, 2009, p. 254-255). Chodorow (1990) também traz importantes elementos para a reflexão da categorização de homens e mulheres no que diz respeito ao posicionamento na família e na organização da produção:

A ideologia sobre as mulheres e o tratamento delas nessa sociedade, sobretudo na força de trabalho, tendem a decorrer desse posicionamento na família e dos pressupostos de que é ou deve ser exclusivo e claro para as mulheres e que essa exclusividade e primazia provêm de diferenças biológicas dos sexos [...]. As mulheres estão posicionadas primeiro no sistema sexo-gênero, e os homens primeiro na organização da produção (CHODOROW, 1990, p. 223).

Na organização da produção, no ambiente de trabalho, os homens são vistos como fortes e corajosos – eles são destinados a carregar as bandejas pesadas com terras, realizar o transporte dos carrinhos de flores e aplicar o veneno – atividade vista como altamente perigosa. Nos trechos seguintes, as trabalhadoras descrevem as atividades que cabem aos homens:

Juliana – Qual é a tarefa dos homens?

Maísa – Assim, empurrar carrinho, tipo o espaçamento, carregar vaso de uma estufa para outra, que é serviço mais pesado, entendeu? Porque as mulheres não fazem serviço em estufa, pesado, entendeu?

Juliana – Não?

Maísa – Em nenhum lugar eu acho. Eu acredito que não. Já tem homem para isso mesmo, né? Serviço de homem é de homem.

¹¹ A fala de Agenor consta em um vídeo promovido por um programa que faz a divulgação do material em mídias eletrônicas. Neste programa, o objetivo era mostrar a convivência pacífica entre produtores brasileiros e holandeses. Agenor foi entrevistado e, entre outras coisas, descreve o processo de colheita das flores nas estufas.

Juliana – E por que é o homem, só, que trabalha no veneno?

Tacinara – Aí eu não sei. Eu não sei. Ah, talvez para não prejudicar a vida da mulher, sei lá, sei lá! Porque eles usam máscara, eles usam roupa, tal, eles usam os protetores. Eu não sei, isso aí eu nunca [...] sempre que eu vejo ali é homem que passa veneno, eu nunca vi nenhuma mulher passando veneno nenhum ali!

Daniela – Tem as pessoas certas para passar veneno porque é muito perigoso, né? Veneno no sangue [...] muitas mulheres lá pegaram veneno no sangue, então elas tiveram que fazer mais ou menos um ano de tratamento (Artur Nogueira, abril e maio de 2013).

Os excertos das narrativas mostram que aos homens são atribuídas algumas características que dizem respeito à força física e ao enfrentamento a uma situação de perigo. Por essa razão, acabam mais expostos aos riscos químicos (agrotóxicos e fertilizantes) presentes no ambiente de trabalho. Gasparini & Freitas (2013) mostram que a produção de flores é uma atividade com elevado emprego de agrotóxicos. Além da pressão para a ampla utilização de agrotóxico para cumprir as exigências de qualidade na comercialização das flores, os trabalhadores das estufas são mais expostos aos venenos – em relação a outros trabalhadores agrícolas – porque o rigor para o uso desses produtos nas plantas não é tão intenso como no caso da produção de alimentos (GASPARINI; FREITAS, 2013).

Colasso (2011) também apontou os riscos a que os trabalhadores que aplicam venenos em estufas de flores são submetidos. O estudo da autora, realizado a partir da análise e entrevistas com homens que aplicavam veneno em estufas na região do Alto Tietê (SP), mostrou que as roupas que fazem parte dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) incomodam os trabalhadores porque são pesadas e grossas, elevando a sensação de calor, que já é bastante acentuada no interior das estufas. Desse modo, muitos optam por retirar parte do EPI para suportar o clima e acabam sendo mais expostos à contaminação. O maior risco ocupacional no setor está relacionado também ao fato de o veneno ficar enclausurado no interior das estufas (COLASSO, 2011).

As mulheres, a despeito de estarem praticamente ausentes da atividade de aplicação do veneno, não estão livres da contaminação por agrotóxicos, pois os produtos ficam impregnados no ambiente da estufa e nas plantas que serão manuseadas por elas. As trabalhadoras relataram também que algumas atividades são mais cansativas e desgastantes que outras. A intensidade do trabalho é alterada de acordo com a variedade da planta, a etapa de desenvolvimento das flores e

os picos de produção. Como consequência da intensa exploração do trabalho nos campos e estufas, tem-se o afastamento do trabalho em razão de problemas respiratórios, problemas na coluna causados pela realização de atividades na posição agachada e tendinites geradas pela repetitividade dos movimentos dos braços. É preciso destacar que em algumas espécies de plantas, como no processo de produção da muda da begônia, a produtividade é controlada por meio de um aparelho que fica afixado à cintura das trabalhadoras para contabilizar a quantidade de mudas cortadas¹² – o ritmo da atividade é acelerado, para que a turma atinja a meta diária estabelecida. O desgaste físico é acentuado em razão da temperatura elevada no interior das estufas e do ruído acentuado gerado pelo aquecedor.

Nos campos e estufas de flores estão presentes os “Trabalhadores de estufas”, “floristas”, “alagoanos”, “brasileiros”. As diferentes denominações para os sujeitos assalariados da cultura das flores revelam a complexidade de relações sociais aí envolvidas. Boa parte das pessoas empregadas nas estufas da região vive em bairros periféricos de Holambra, Artur Nogueira, Engenheiro Coelho e Cosmópolis, e se desloca diariamente para os campos e estufas de flores.

Sujeitos constituintes do “rural moderno” (BRANDEMBURG, 2010), muitos desses trabalhadores eram colonos, sitiantes e arrendatários que se tornaram assalariados. Luxemburg (1970) também já mostrava a dissolução da chamada economia natural, enquanto parte constitutiva do processo de acumulação primitiva do capital. Para atingir esse objetivo é preciso que o capital se aproprie diretamente das fontes de força produtiva (terras, minerais), liberte os operários para que trabalhem para o capital (assalariamento) e introduza a economia de mercado.

Distintos são os momentos e as circunstâncias da chegada desses sujeitos às estufas. Em 1948, junto com as primeiras famílias de imigrantes holandeses chegaram famílias vindas de Minas Gerais e do Paraná. Essas vieram principalmente para ajudar os holandeses a superar as dificuldades que tinham com a produção agrícola no Brasil (LEITE, 2007). Apesar de haver uma memória referencial que enfatiza a convivência pacífica entre imigrantes holandeses, seus descendentes e “os brasileiros”, no que diz respeito ao acesso à terra e ao trabalho realizado cotidianamente nos campos e estufas de flores, parece haver uma divisão entre os “proprietários das estufas” (holandeses) e os “trabalhadores das estufas” (brasileiros).

¹² A contagem é feita para atingir a meta de produção diária. As trabalhadoras têm um acréscimo no salário de acordo com a quantidade de mudas cortadas, que são contabilizadas durante a semana.

Para além da divisão ancorada em relações econômicas, na região de Holambra há uma segregação étnica e cultural entre os holandeses e os brasileiros (LEITE, 2007). Muitos brasileiros veem os holandeses como os patrões que acham que são os donos da terra. Mesmo depois de muito tempo vivendo no país, os holandeses às vezes conversam em inglês ou holandês entre eles dentro das estufas – afastando, assim, a possibilidade de comunicação com os trabalhadores durante a jornada de trabalho. Por sua vez, os holandeses se queixam dos brasileiros, afirmando que estes não se qualificam para o trabalho e têm escolaridade abaixo do que é considerado ideal para os holandeses. O seguinte excerto da narrativa mostra a visão que os holandeses tinham dos agricultores familiares brasileiros que compraram a terra coletivamente por meio de uma associação¹³ e iniciaram a produção de flores em estufas:

Eles [os holandeses] falavam “os sem-terra”. Então, era assim uma visão [...] muito [...] como se a gente fosse invasor. Eles não olhavam [...] e não acreditavam também no peso que a gente tem [...]. Então, os holandeses não acreditavam. Hoje, eu acho que eles já olham com olhares diferentes, mas mesmo assim eu acho que a gente ainda é bem [...] Eles acham que são melhores. É claro, eles já têm mais tempo. Mas a maneira que eles falavam [...] acontecia algum roubo aí: “Ah! Mas aquela gente lá”. Então, como se a gente fosse bandido, sabe? “Invadiram” (D. Luciana, 15 de janeiro de 2014, Holambra/SP).

Se por um lado existe um conflito envolvendo o universo simbólico do modo como holandeses e brasileiros enxergam cada grupo, não é possível dizer que os brasileiros se constituem como um grupo homogêneo na cidade e no processo de produção de flores. É preciso atentar para a diferença existente entre os trabalhadores “de pico” e os trabalhadores contratados durante o ano todo, que revela conflitos relacionados ao pertencimento étnico-regional e também as formas como os empresários encontram para diminuir os custos trabalhistas.

Com o aumento da demanda por flores nos períodos de pico de produção, muitos empresários prolongam as jornadas de trabalho e contratam trabalhadores para ficar “na diária”. Essas pessoas são empregadas principalmente no setor de colheita, classificação e embalagem. Durante pesquisa de campo, uma das trabalhadoras teceu os seguintes comentários sobre a chegada de migrantes para a colheita de flores na região, e a forma como são vistos pelos trabalhadores locais:

Neusa – Aí em Holambra tem bastante alagoanos [risos contidos]. Só que eles não gostam de trabalhar, entendeu? O problema deles são esses.

¹³ O tema da associação de agricultores familiares será abordado na parte final deste texto.

Que às vezes, lá mesmo, entrou com a gente uma menina, e aí ela ficou por dia. E aí minha patroa querendo registrar, querendo registrar. “Não, eu quero só por dia”. Por quê? Porque o “por dia”, você já ganha, por exemplo, 40, 45 reais, já é incluído tudo que você tem direito, né? Agora, a gente que é mensal, a gente recebe menos por dia, entendeu? Só que a gente tem direito: se você machuca, se você tem [...] férias, tudo [...] só que no caso deles é assim: eles querem trabalhar por dia porque depois eles trabalham três meses, por exemplo, eles querem receber, eles jogam na Justiça, entendeu? O problema deles, da Holambra, é esse aqui. Então você vê poucas pessoas que trabalham da Holambra lá. Não trabalha em estufa, sabia? É difícil. Aqui vai ônibus de Artur Nogueira, aqui, de manhã, se você pegar o ônibus aqui, você vê saindo 20, 30 ônibus daqui para a Holambra porque o pessoal que trabalha na Holambra é de Artur Nogueira. O pessoal de Holambra não quer trabalhar, principalmente lá onde eu trabalho. Você vai, as diaristas vão dois, três dias, oh! Somem, nem vêm dar satisfação, recebem o dia e pronto. Não quer nem saber de trabalhar (Artur Nogueira/SP, 26 de maio de 2013).

É possível perceber que o estigma que recai sobre os trabalhadores alagoanos e “diaristas” é bastante forte – são aqueles que “não gostam de trabalhar” e que se aproveitam da situação para “jogar o patrão na Justiça”. Entretanto, a instabilidade no emprego é, na verdade, um recurso utilizado pelos empresários para reduzir os custos trabalhistas¹⁴. Eles fazem “contratinho de experiência” e não deixam vencer o contrato. Recorrem a essa prática sucessivamente durante os períodos de pico de produção, quando aumenta a necessidade de mão de obra para a colheita das flores.

Algumas pessoas que trabalham “na diária” das flores transitam por outras atividades durante o ano, como a colheita da laranja e a colheita do café no Sul de Minas Gerais. Bendini et al. (2012) mostram que os picos de produção, com aumento no número de pessoas contratadas, geram um cenário no qual muitas pessoas são descartadas após o auge da colheita dos produtos agrícolas. Formase, assim, um assalariado rural com pluriatividade de base agrária, no qual os trabalhadores e as trabalhadoras se empregam em dois ou mais ciclos produtivos ao longo do ano. Os autores mostram ainda a existência de um *assalariado com pluriatividade multissetorial*, ou seja, pessoas que combinam tarefas urbanas de caráter temporário nos setores de serviços e indústria com o trabalho agrícola sazonal (BENDINI et al., 2012).

¹⁴ Essas informações foram obtidas durante entrevista com uma sindicalista dos trabalhadores rurais na região de Holambra, em abril de 2013. As outras irregularidades no setor de produção de flores que foram detectadas e relatadas pela sindicalista dizem respeito às condições insalubres no ambiente de trabalho (refeições realizadas em locais próximos a embalagens de veneno) e o não pagamento de hora-estra (empregador queria fazer “banco de horas”).

A produção de flores em Holambra não está restrita aos médios e grandes produtores. Nela estão presentes também os pequenos produtores, muitos dos quais estão em sítios nas áreas rurais do município. Alguns deles produzem por meio da Associação dos Agricultores Familiares de Holambra (AAFHOL). A área que abriga a associação é composta por 13 glebas de terra¹⁵, com dois hectares cada uma. A Associação teve início a partir de uma reunião de técnicos agrícolas que trabalhavam nas grandes estufas da região, e que desejavam ter um pedaço de terra para tocar o próprio negócio. Assim, no final do ano 2000, através do financiamento oferecido pelo programa *Banco da Terra*, do Governo Federal, a AAFHOL comprou coletivamente a terra. Atualmente, boa parte dos produtores de flores da AAFHOL destinam as flores para o Veiling. Esta cooperativa exige um contrato de exclusividade com os produtores, fornece consultorias técnicas e aluga os potes e os carrinhos para os produtores. Em troca, exige que os produtores entreguem as flores com um padrão mínimo de qualidade. Caso esse padrão não seja atingido ou as flores não sejam vendidas no leilão por um preço mínimo estabelecido, as flores são descartadas e o Veiling devolve os materiais (vaso e carrinho) para os produtores.

Os produtores que enviam pequenas quantidades de vasos enfrentam dificuldades, já que não conseguem arcar com os custos da produção quando o preço das flores cai. Isso não acontece com os grandes produtores – em primeiro lugar porque já lucraram com a venda das mudas e com o aluguel dos carrinhos e porta-vasos; em segundo lugar porque compensam os preços baixos de algumas plantas com o lucro obtido na venda de outras plantas. Com isso, configura-se um cenário marcado pela parceria assimétrica entre a agricultura familiar e a agroindústria (GÊMERO; QUEDA, 2013). Por meio dos contratos, as agroindústrias ditam o ritmo do trabalho que deve ser desenvolvido, na medida em que exigem um padrão mínimo de qualidade e ameaçam retirar a parceria dos pequenos produtores caso não sigam as imposições estabelecidas pelas empresas. É preciso considerar também a redução dos custos com a terra, com a construção de infraestrutura e com a mão de obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento da terra como espaço de negócios, trabalho e vida mostrou não só a heterogeneidade do meio rural como também a diversidade de sujeitos presentes nesses espaços. O objetivo não é essencializar a identidade de alguns

¹⁵ 12 glebas de terra para as famílias e uma gleba de uso coletivo dos moradores.

grupos, mas a realidade dos conflitos sociais confirma, por exemplo, a ausência de mulheres negras entre o grupo de grandes produtores de flores em estufas. As considerações de Wanderley (2009) fornecem pistas relevantes para a compreensão crítica dos sujeitos e espaços que se entrecruzam na configuração do meio rural:

O controle da terra significa, fundamentalmente, o controle da força de trabalho e o acesso a outras formas de capital. Por esta via, os grandes proprietários-empresários rurais se tornam agentes imediatos da captação dos excedentes agrícolas – produzidos por pequenos agricultores e trabalhadores assalariados – à destinação dos setores dominantes (WANDERLEY, 2009, p. 23).

Há que se ressaltar, ainda, o papel do Estado na formação dessa configuração. No que diz respeito à vinda dos holandeses para o Brasil no final da década de 1940, é válido destacar o envolvimento do governo federal e paulista na vinda das famílias de imigrantes holandeses, na medida em que concederam créditos para as famílias adquirirem as terras, tendo como um dos objetivos estabelecer uma política de embranquecimento da população.

Destarte, com esse texto intentou-se mostrar a heterogeneidade do rural a partir de um universo empírico que, a despeito de ser marcado por particularidades, é carregado de significados que podem nos fornecer pistas para a reflexão acerca das ruralidades no Brasil.

REFERÊNCIAS

BENDINI, M. et al. Trabajadores transitorios frutícolas con proyectos migratorios. In: BENDINI, M.; TSAKOUMAGKOS, P. D.; STEIMBREGER, N. G. **Trabajo rural y travesias migratorias**. 1. ed. Neuquén: EDUCO; Universidad Nacional del Comahue, 2012. p. 97-154.

BRANDEMBURG, A. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 417-428, 2010.

CÁNOVAS, A. P. Trabajadores y agriculturas mediterráneas en la globalización. Regiones. **Suplemento de Antropología**, n. 47, p. 16-20, enero-marzo, 2012.

CHODOROW, N. **Psicanálise da Maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COLASSO, C. G. **Avaliação da exposição ocupacional a praguicidas organofosforados em estufas de flores na região do Alto Tietê**. São Paulo, 2011.

DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GASPARINI, M. F.; FREITAS, C. M. Trabalho rural, saúde e ambiente: as narrativas dos produtores de flor frente aos riscos socioambientais. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 23-44, jul./set. 2013.

GÊMERO, C. G.; QUEDA, O. Trabalho e sistema agrícola na parceria com o setor avícola: um estudo no Assentamento Horto de Bueno de Andrada. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL RURALIDADES, TRABALHO E MEIO AMBIENTE, 2, 2013, São Carlos. **Anais ...** São Carlos, 2013.

GOODMAN, D.; SORJ, B.; WILKINSON, J. **Da lavoura às biotecnologias:** agricultura e indústria no sistema internacional. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

HERRERA, G. Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana. De la visibilización del campo e una presencia selectiva. **Política y Sociedad**, v. 49, n. 1, p. 35-46, 2012.

LEITE, J. S. **Holambra – entre flores e espinhos.** A imigração holandesa e a segregação étnico-cultural na cidade das flores. 2007. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

LUXEMBURG, R. Capítulo XXVII - A Luta contra a Economia Natural. In: **A acumulação do capital.** Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MARX, K. **Grundrisse:** manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. Trad. Mario Duayer, Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2011.

OLAIZOLA, A. R. **Las nuevas temporeras de la fresa em Huelva.** Flexibilidad productiva, contratación en origen y feminización del trabajo en una agricultura globalizada. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidad de Sevilla, Sevilla, 2009.

_____. Agricultura industrial en Andalucía y feminización del trabajo en las cadenas agrícolas globales. Regiones. **Suplemento de Antropología**, n. 47, p. 22-26, enero-marzo, 2012.

SARAMAGO, J. **A Caverna.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WANDERLEY, M. N. B. A sociologia rural na América Latina: produção de conhecimento e compromisso com a sociedade. In: **Conferência de Abertura da ALASRU.** Recife, 2009.

Texto submetido à Revista em 16.10.2014
Aceito para publicação em 08.02.2015